

FIRMINO TEIXEIRA <sup>a do Am</sup> <sup>ARAL</sup>

DEBATE DO  
Cego Aderaldo



COM

**Jaca Molle**

(O PRIMO DE ZÊ PRETINHO)

A venda na Agencia Geral no Pará  
Typ. GUAJARINA de F. Lopes  
40—S. Matheus—40

A EDICTORA—PIAUHY

DEBATE  
DO CÊGO  
ADERALDO  
COM  
Jaca-Molle  
(O primo de Zé-Pretinho)

Aderaldo, aquelle cêgo  
Que cantou com Zé Pretinho,  
Encontrou-se em Pimenteira  
Na casa de Zéca Pinho,  
Com um tál Jaca-mólle  
Que chamou-lhe sem carinho.

Disse : cêgo venha cá  
Que quero tirar-lhe a fama  
Tu destes, em Zé pretinho  
Mas commigo, come lama  
No logar aonde chego  
Sou conhecido por Gama,

A muito tempo que ando  
Em procura de te achar  
Era o meu maior dezêjo  
Com este cêgo cantar,  
Quero cortar na raíz  
A fama do seu logar.

Se entrar em cantoria  
Quero deixal-o no pó  
Dou-lhe surra de ortiga  
Lhe deixo que mete dó  
Este cego sae correndo  
Eu fico cantando só.

Aderaldo respondeu :  
—Falle mais amoderado,  
Pois no convite que fêz  
Já me trouxe maltratado,  
Quem quer graça, graça faz  
Para ter bom resultado.

Anda, cego; assenta logo,  
Deixemos de amolação,  
Afinã a tua rabéca,  
Carrega bem no bordão  
Que quando tinir a minha  
A tua róla no chão.

Ahi o cego assentou-se  
No banco que lhe botaram,  
Puxou do sacco a rabéca  
As cordas logo soaram,  
Jaca-mólle fez seu plano  
E a lucta começaram.

Disse o cego: ha muito tempo  
Que não entro em cantoria,  
De cantar com Zé Pretinho

Já fez annos outro dia,  
Agora vem Jaca-mólle  
Por elle tirar forria.

Jaca-mólle respondeu:  
Eu ando de prevenção,  
Sou primo de Zé Pretinho  
Tive agora occasião,  
Vou garantir minha fama  
De cantador do sertão.

Aderaldo — Já vejo por seu cantar  
Que ruim será seu fim,  
Cantador quando tem fama  
Nunca dá começo assim,  
Seu primo tambem foi duro  
Mas sempre correu de mim.

Jaca-Mólle — Sae d'ahi, cégo de borra  
Sustenta o sopro do fóle,  
Aguenta o ronco de rijo  
Do cantador Jaca-móle,  
Vira cobra ou jacaré,  
Bicho nenhum não me engole.

A. -- Eu sou brando no cantar  
Quando encontro educação  
Mas cantor como voce  
Precisa aprender lição,  
Come fogo em minha unha  
Apanha, não faz acção.

J.—Cégo que cantar commigo  
Eu faço a força encherar,  
Faço ferro virar agua,  
Faço o diabo rezar,  
Não duvide porque faço  
De quatro pés tu andar.

A.—Jaca-Molle, acho que um rio  
E' mais facil de seccar,  
Um gato dar no cachorro  
Ou como tu bodejar,  
Mas o que acho impossivel  
E' o cégo velho apanhar.

J.—Tres coisas que tem no mundo  
Me causa admiração  
E' cégo andar sem ter guia  
Ser feio com presumpção,  
Gallinha fazer do milho  
Como massa de pirão.

A.—Eu por mim tambem não posso  
Com isto me conformar  
E' burro dizer que sabe  
E preto querer teimar,  
E' mesmo que muita gente  
Feijão cosido plantar.

J.—Acabemos com esta teima  
Não gosto de dar massada,  
Voce parece rapoza

Quando está embriagada,  
Sua rabeça parece  
Casa velha escangalhada.

A.—Tu és como siricoria  
Na beira de uma lagôa  
E' peor do que titica  
Quando ataca uma pessôa,  
Negro por mais que trabalhe  
Nunca produz coisa bôa.

J.—Já trabalhei na lavoura  
Mas nisto não me dei bem,  
Conheço todo o sertão  
Nunca juntei um vintem,  
Hoje em dia sou senhor  
Não trabalho p'ra ninguem.

A.—Tu és muito preguiçoso  
Não procuras trabalhar,  
Se queres ser meu cargueiro  
Isso eu te posso arranjar,  
Eu monto na tua costa  
Quando quizer passeiar.

J.—Este cégo só parece  
Macaco quando se cóça  
E' mesmo que periquito  
Quando entra n'uma róça,  
Tempéra limão com fél  
E diz ainda que adóça.

A.—As vezes quando me zango  
O perigo se apresenta  
Não é qualquer cantador  
Que de sizo me aguenta,  
Sendo fraco morre doido  
Seu instrumento arrebenta.

J.—Este cego é amarello  
Parece um pinto pellado,  
Seus oculos são dois pedaços  
De vidros que achou quebrado,  
Inda um cego deste geito  
Quer ser bem conceituado.

A.—A jaca è fruta indigēsta  
Não tem apreciação,  
Mais vale um cego com honra  
Do que um preto ladrão,  
Eu sou cego, mais sou gente,  
Preto não tem distinção.

J.—O gallo quando põe ovo  
Já não pode mais prestar,  
Cego quando se assanha ~~X~~  
Tem vontade de apanhar,  
Olha eu não sou Zé-pretinho  
Que não soube te ensinar.

A.—Remexe tua memoria  
Canta lá como quizer,  
Procura rimas alheias

Te veste até de mulher,  
Que sempre me achas prompto  
Pelo lado que vier.

J.—Já vi um gallo com chifre  
Vi girafa sem pescoço  
Vi lesma quebrar um ôsso  
D'uma queda que levou,  
Vi pulga dar n'uma onça  
Transformal-a em geringonça  
Passou-lhe a perna e montou.

A.—Pulga não dá em onça  
Lesma nunca teve ôsso  
Ver girafa sem pescoço  
E' elephante voar,  
Acho mais facil que alma  
Se queixe a Deus que está nua  
Que gallo chifré crear.

J.—Já vi gelo pegar fogo  
Atirado dentro d'agua,  
Vi um ~~caro~~ de anágua  
Correr na frente de um burro,  
Vi tartaruga voar  
Vi um macaco vaiar  
Um cégo, por ser casmurro.

A.—Macaco guincha, não vaia,  
Tartaruga não vòa  
Um ~~caro~~ por mais atòa

*Thomem*

*Thomem*



Não pode correr de um burro,  
Gelo não pega fogo  
Para acabar com seu jogo  
Só levando o caso a murro.

J.—Vi uma pulga quebrar  
Quarenta gigos e louça,  
Um gato cahiu na pouça  
Fez a agua se sumir,  
Vi jacaré pedir missa  
Vi um sino de cortiça  
Mais do que bronze tinir.

A.—Cortiça nunca que tine  
Jacaré é teu enredo  
O gato d'agua tem medo  
Nunca póde se banhar,  
A pulga não quebra louça  
Voce parece uma moça  
Quando a força quer casar.

J.—Voce em nada acredita  
Só porque não pode ver,  
Como é grande mentiroso  
Me julga em seu parecer,  
Mas abra os olhos commigo  
Porque eu sou um perigo  
Brincando o faço correr.

A.—Eu só creio na verdade  
Não acredito em mentira  
Eu não sou como voce  
Que disto producto tira,  
Repare bem como anda  
Pois se seu canto dezanda,  
Do avesso voce vira.

J.—E's um mulato  
De presumpção  
Dou-te um tapão  
Que te achato  
Depois te ato  
Com punho fino  
Dou-te o ensino  
Que me pareça  
De tua cabeça  
Farei um sino.

A.—Tu és um preto  
Mui saliente  
E's indecente  
Seu intremeto,  
Se eu te meto  
Num solavanco  
Te faço um banco  
E sem desleixo  
Eu do teu queixo  
Faço um tamanco.

J.—Tu és cantor  
De *borra-bota*  
E's da desgrota  
Conhecedor  
O teu valor  
E' de um vintem  
Teu verso tem  
Um descalabre  
P'ra quem não sabe  
Tu cantas bem.

A.—Tu tens inveja  
Do meu cantar  
Tens que seccar  
Isto te alêja  
Tu nunca alvêja  
Com pontaria  
Só tu faria  
Dar este exemplo  
Perdendo o tempo  
Em cantoria.

J.—Eu sou cantor  
De regra inteira  
Tenho valor  
Nesta ribeira  
Eu sou senhor  
Muito temido  
Sou conhecido,  
Tua fama acabo  
Cantor mais brabo  
Não tem havido.

A.—A tua fama  
Não tem valia  
Em cantoria  
Tu comes lama,  
Se éras *gama*  
Passa a *gamella*  
O nó da guélla  
Quero cortallo,  
Tu és cavallo  
Te bóto a sélla.

J.—Isto não é cantar  
Que tu entendes  
O que pretendes  
E' bodejar  
Depois fallar  
Em voz de choro  
Mas que agouro,  
Me aconteceu  
Jaca me deu  
Foi desaforo.

A.—O Zé Pretinho  
Que era duro  
Viu-se em apuro  
Pisando espinho  
Em desalinho  
Sahio gritando

Gente chamando  
Quazi que nú  
Como urubú  
Sahiu pulando.

J.—Tu mentes muito  
Seu fanfarrão  
E's bombardão  
Fora de assumpto,  
Tu és defunto  
Que apodreceu  
Os versos teu  
Não tem mais rima  
Sempre por cima  
Quem está sou eu.

A.—Agora mudo de assumpto  
Para ver se tu és bom  
Sustenta a nota no tom  
Que pesado é o conjuncto  
Se tu cahires te junto  
E' peso bruto sem tará  
Sustenta de rijo a vara  
Que é verso de boa rima  
—Não tem quem cuspap'ra cima  
Que não lhe caia na cara.

J.—Eu nunca errei cantoria  
Sustento a nota segura  
Quem é homem não faz jura  
Quem jura não tem valia

Eu sustento a senhoria  
Garanto tudo o que fiz  
E' certo o ditado diz  
Nunca que pode isto errar  
—No copo que a bocca entrar  
Lá tambem entra o nariz.

A.—Tudo o que digo sustento  
Não tem quem faça eu negar  
Nem voce pode privar  
Do contrario eu arreberto  
Esse seu podre instrumento  
Não valle penna de arara,  
O meu sim... é pedra d'ara  
E' de aço até a prima  
—Não tem quem cuspa p'ra cima  
Que não lhe caia na cara.

J.—Estaes no matto sem cachorro  
Se nisto for te fiar  
E' mesmo que ir mattar  
E sahir gritando: eu morro!  
Pedindo logo soccorro,  
Como um ente infeliz  
Ficas como um chafariz  
No tempo da agua rara  
—Na vasilha que entra a cara  
Lá tambem entra o nariz.

A.—Eu já me estou azedando  
Com a tua cantiga atôa  
Tua viola não sôa  
Todos estão censurando  
Muito mal estaes cantando  
Com pouco mais tu pára  
O povo te mette a vara  
Ella batendo retima  
—Não tem quem cuspa!p'ra cima  
Que não lhe caia na cara.

J.—Quem gostar que coma muito  
Quem não gostar pouco coma  
Hoje tu morres damnado,  
Sou féra que não se domma  
Vou te fazer uma conta  
Quero ver qual é a somma.

A.—Não pensa que sou sauím  
Para correr de careta  
Se tua mão não resiste  
Na cumbuca não a metta  
Tu entras na bola branca  
Eu entro na bola preta.

J.—Quinhentas jaçanãs mortas  
Depois de mortas pelladas  
Seiscentas linguas de vaccas  
Quasi que todas salgadas  
Vendida a tres réis a gramma  
Qual as sommas apuradas?

A.—Eu te darei a resposta  
Quando tu me responder  
Quatrocentos rabanetes  
Quantas folhas podem ter  
Um portuguez com uma preta  
O que é que podem fazer.

J.—Esta pergunta que fez  
Nada posso adiantar  
Mas como voce me disse,  
Lhe peço para explicar  
Pois hoje quero apprender  
Para amanhã ensinar.

A.—A primeira foi deboche  
A segunda foi de ispéque  
A verdade é conhecida  
Abre e fecha como leque  
—Portuguez junto com preto  
Só póde fazer muléque.

J.—Aderaldo me desculpa,  
Mas eu não tenho outro geito  
Dou por finda a cantoria,  
Pois tenho um grande defeito  
Sempre que canto de mais  
Me apparece dôr no peito.

A.—E' triste ver-se um cantor  
Chócar-se como gallinha  
Só me parece um azar



Ou por outra, é sorte minha,  
Me lembro do Zé-pretinho  
Que correu para a cosinha,

\* \* \*

Ahi todos acharam graça  
Deram p'ro cego a victoria  
Lhe deram muitos presentes  
Em paga de sua gloria  
Condecoraram Aderaldo  
Traçando o nome da historia.

FIM



---

## Litteratura Sertaneja

---

Folhetos de aventuras, factos,  
narrações, romances, contos e  
≡ ≡ ≡ ≡ novellas ≡ ≡ ≡

Para distrahir, lêde as historietas em  
versos de que a nossa casa é a unica  
agencia nesta capital

**Preços para todas as bolsas**  
Grandes reduções para revendedores

Typ. GUAJARINA de F. Lopes  
40 — Trav. S. Matheus — 40  
BELEM — PARÁ — BRAZIL

lo cégo  
**LITTERAJU SERTANEJA**

Historias á venda na Agencia Geral no Pará

**40—S. MATHEUS—40**

**FOLHETOS DE 16 PAGINAS**

Allemanha nadando sobre um mar de sangue  
A Chegada do Dr. Lauro Sodré no Pará  
Echos da Patria—O Torpedeamento do vapor Macau  
Historia de Pedro Cem  
O Casamento e Divorcio da Lagartixa  
Debate do Cégo Aderaldo com o Jaca-molle  
Peleja do Cégo Aderaldo com Zé Pretinho do Tucuruí  
O Rio de São Francisco  
A Vida do Seringueiro  
Peleja de Manoel do Riachão com o Diabo  
O Governo e a Lagarta contra o Fumo  
Historia de Tito Silva e as Promessas do Governo  
eleja de Bernardo Nogueira com o Preto Limão  
A Menina que falou  
O Cantor da Borborema  
A Grande Guerra  
O Naufragio do Uberaba (Ernesto Vera)  
A Sorte dos Naufragos " "  
A Morte do Poeta  
A Festa dos Bichos ou Aventuras d'um porco embriagado  
Peleja de João Peroba com o menino Perieó  
O Naufragio do Uberaba (Firmino Amaral)  
A Mulher e o Imposto  
Desafio do Cégo Aderaldo com Zé-Francisco  
O Escravo do Diabo ou o Afilhado de Santo Antonio

**FOLHETOS DE 24 PAGINAS**

Historia de Zezinho e Mariquinha  
Historia de Juvenal e Leopoldina

**FOLHETOS DE 32 PAGINAS**

Historia do Valente Villela e o Alferes  
Historia da Donzella Theodora  
Branca de Neve e o Soldado Guerreiro  
O Diabo e o Soldado  
A Lampada Maravilhosa ou Historia de Aladin  
Princesa de Pedra-fina

**FOLHETOS DE 40 PAGINAS**

Historia do Grande Roberto do Diabo  
O Mal em Paga do Bem  
Historia de João de Deus e o Diabro Negro

**FOLHETOS DE 48 PAGINAS**

O Principe e a Fada  
A Mulher Roubada

**Preços reduzidos para revendedores**



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).